

Começarei pela análise de um texto bastante singular. É uma obra de «prática» e de vida quotidiana; não um texto de reflexão ou de prescrição moral. É o único texto, entre os que nos ficaram dessa época, que apresenta uma exposição um tanto sistemática das diferentes formas possíveis de actos sexuais; não produz, em geral, de modo directo e explícito juízos morais a propósito desses actos; mas subentende esquemas de apreciação geralmente aceites. E pode-se constatar que estes estão muito próximos dos princípios gerais que organizavam já, na época clássica, a experiência moral dos *aphrodisia*. O livro de Artemidoro constitui, por isso, uma referência. É testemunho de uma perenidade. Atesta um modo corrente de pensar. Por isso mesmo, permitirá avaliar o que pôde existir de singular e de parcialmente novo no trabalho de reflexão filosófica e médica efectuado nessa época sobre os prazeres e sobre a conduta sexual.

O MÉTODO DE ARTEMIDORO

A *Chave dos Sonhos* de Artemidoro é o único texto que nos ficou, integralmente, de uma literatura que foi abundante na Antiguidade: a da onirocrisia*. Artemidoro que escreveu no século II depois de Cristo, cita ele próprio várias obras (algumas já antigas) em uso na sua época: as de Nicóstrato de Éfeso¹ e de Paníases de Halicarnasso²; a de Apolodoro de Telmessos³; as de Febo de Antióquia⁴, de Dénis de Heliópolis⁵ e do naturalista Alexandre de Mindos⁶; menciona, com um elogio, Aristandro de Telmessos⁷; refere-se também aos três livros do tratado de Gémino de Tiro, aos cinco livros de Demétrio de Faleiro e aos vinte e dois livros de Artemão de Mileto⁸.

* Onirocrisia (do grego *oneirokrisía*) é a arte de interpretar os sonhos. (N. T.)

¹ Artemidoro, *La Clef des songes* (trad. A.-J. Festugière), I, 2.

² *Ibid.*, I, 2; I, 64; II, 35.

³ *Ibid.*, I, 79.

⁴ *Ibid.*, I, 2; II, 9; IV, 48; IV, 66.

⁵ *Ibid.*, II, 66.

⁶ *Ibid.*, I, 67; II, 9; II, 66.

⁷ *Ibid.*, I, 31; IV, 23; IV, 24.

⁸ *Ibid.*, I, 2. II, 44.

Dirigindo-se àquele a quem dedica a sua obra, um tal Cassius Maximus — talvez Máximo de Tiro, ou seu pai¹ que o teria encorajado a «não deixar cair a sua ciência no esquecimento» —, Artemidoro afirma que não teve «nenhuma outra actividade» a não ser a de se ocupar «incessantemente, noite e dia», da interpretação dos sonhos². Afirmção enfática bastante usual neste género de apresentação? Talvez. Em qualquer dos casos Artemidoro não se limitou a compilar os exemplos mais célebres dos presságios oníricos confirmados pela realidade. Empreendeu a escrita de uma obra de método, e isso em dois sentidos: devia ser um manual utilizado na prática quotidiana; e ao mesmo tempo um tratado de alcance teórico sobre a validade dos processos interpretativos.

Não devemos esquecer que a análise dos sonhos fazia parte das técnicas de existência. Como as imagens do sono eram consideradas, pelo menos algumas delas, sinais de realidade ou mensagens do futuro, decifrá-las era de grande valor: uma vida racional não podia dispensar uma tal tarefa. Era uma muito antiga tradição popular; era também um hábito aceite nos meios cultos. Embora fosse necessário recorrer aos inúmeros profissionais das imagens da noite, era também bom poder, por si só, interpretar os signos. São numerosos os testemunhos da importância concedida à análise dos sonhos como prática de vida, indispensável não apenas nas grandes circunstâncias, mas também no decurso quotidiano das coisas. É que, no sonho, os deuses davam conselhos, opiniões e por vezes ordens expressas. Contudo, mesmo quando o sonho se limita a anunciar um acontecimento sem nada prescrever, mesmo quando se supõe que o encadeamento do futuro é inevitável, é bom conhecer antecipadamente o que se vai passar, para poder haver uma preparação para isso: «A divindade, diz Aquiles Tácio nas *Aventuras de Leucipeu e Clitofonte*, compraz-se muitas vezes

¹ Cf. A.-J. Festugière, *Introduction à traduction française*, p. 9; e C. A. Behr, *Aelius Aristides and the Sacred Tales*, p. 181 e seg.

² Artemidoro, *Clef des songes*, II, conclusão.

em revelar em sonho o futuro aos homens — não para que evitem assim a infelicidade, pois ninguém pode ser mais forte que o destino — mas para que suportem mais facilmente o seu sofrimento. Porque aquilo que acontece de modo brusco e ao mesmo tempo sem que seja esperado subverte o espírito sob a brutalidade do golpe e submerge-o; ao passo que em relação àquilo que foi esperado antes de ser sofrido é possível, por meio de uma habituação gradual, atenuar a dor¹.» Mais tarde, Sinésio exprimirá um ponto de vista completamente tradicional, quando lembrar que os nossos sonhos constituem um oráculo que «habita conosco», que nos acompanha «nas nossas viagens, na guerra, nas funções públicas, nos trabalhos agrícolas, nos empreendimentos comerciais»; é preciso considerar o sonho como «um profeta sempre pronto, um conselheiro incansável e silencioso»; devemos pois aplicar-nos todos a interpretar os nossos sonhos, quer sejamos «homens ou mulheres, jovens ou velhos, ricos ou pobres, cidadãos privados ou magistrados, habitantes da cidade ou do campo, artesãos ou oradores», sem privilégio, «nem de sexo nem de idade, nem de fortuna nem de profissão²». Foi nesse espírito que Artemidoro escreveu *A Chave dos Sonhos*.

Para ele o essencial está em indicar, pormenorizadamente, ao leitor um modo de proceder: como fazer para decompor um sonho em elementos e estabelecer o sentido diagnóstico que ele tem? Como proceder também para interpretar o todo a partir desses elementos e ter em conta esse todo na decifração de cada uma das partes? Significativa, é a analogia que faz Artemidoro com a técnica divinatória dos sacrificadores: eles também, «de todos os signos considerados um a um, sabem a que é que cada um deles se reporta»; e contudo, «não dão menos explicações a partir do todo que a partir de cada uma das partes³». Trata-se, pois, de um tratado *para interpretar*. Quase inteiramente centrado, não sobre as maravilhas proféticas dos so-

¹ Aquiles Tácio, *Leucippé et Clitophon*, I, 3.

² Sinésio, *Sur les songes*, trad. Druon, 15-16.

³ Artemidoro, *Clef des songes*, I, 12 e III, conclusão.

nhos, mas sobre a *technē* que permite fazê-los falar correctamente, a obra dirige-se a várias categorias de leitores. Artemidoro quer propor um instrumento aos técnicos da análise e aos profissionais; é essa a esperança que faz reluzir aos olhos do seu filho, destinatário do 4º e 5º livros: se ele «mantiver a obra sobre a mesa» e a guardar para si, tornar-se-á «melhor intérprete dos sonhos do que qualquer outro¹. Pretende igualmente ajudar aqueles que, desiludidos com os métodos errados que experimentaram, sofrem a tentação de se desviar desta prática tão preciosa: contra estes erros o livro será como que uma medicação salutar — *therapeia sōteriōdēs*². Mas Artemidoro pensa também em «qualquer leitor» que tenha necessidade de uma instrução rudimentar³. É, em qualquer dos casos, um manual de vida que ele quis apresentar, um instrumento utilizável no decurso da existência e das suas circunstâncias: pretendeu impor às suas análises «a mesma ordem e sequência que existem na própria vida».

Este carácter de «manual para a vida quotidiana» é muito sensível quando se comparam os textos de Artemidoro com os *Discursos* de Aristides — valetudinário ansioso que passou anos à escuta do deus que lhe enviava sonhos ao longo de peripécias extraordinárias da sua doença e dos numerosos tratamentos que fez. Pode observar-se que em Artemidoro quase não há lugar para o maravilhoso religioso; diferentemente de muitos outros textos do género, a obra de Artemidoro não depende de práticas de terapia cultural, apesar de invocar, numa fórmula tradicional, o Apolo de Daldis, «o deus da sua pátria», que o encorajou e que, à cabeceira de sua cama, lhe «deu quase a ordem para escrever este livro⁴». Aliás ele tem o cuidado de sublinhar a diferença do seu trabalho com o dos onirócritos como Gemino de Tiro, Demétrio de Falero e Artemão de Mileto

¹ *Ibid.*, IV, prefácio.

² *Ibid.*, dedicatória.

³ *Ibid.*, III, conclusão.

⁴ *Ibid.*, II, conclusão.